

## **A produção periodista independente de esquerda ontem e hoje: uma análise comparativa a partir dos comentários de Gabriel García Márquez sobre a Revista Alternativa<sup>1</sup>**

Débora Mattos COSTA<sup>2</sup>

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

### **RESUMO**

O presente artigo debate os problemas atuais da comunicação independente e de esquerda no Brasil, principalmente das iniciativas na internet. Para isso, ele parte de uma crônica escrita em 1977, por Gabriel García Márquez em que ele discorre sobre os problemas enfrentados por ele na construção da Revista Alternativa, uma revista independente e de esquerda criada por ele e mais alguns jornalistas e intelectuais com o objetivo de formar um periódico útil à esquerda colombiana. No decorrer da crônica, ele aponta dois principais problemas que se entrelaçam: a periodicidade e o preço da revista. A partir desses dois pontos gerais, vamos investigar as mudanças e desafios para a produção de um jornalismo próximo ao descrito pelo autor na atualidade, principalmente na internet.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação independente; comunicação de esquerda; Gabriel García Márquez.

### **TEXTO DO TRABALHO**

A comunicação independente de esquerda possui múltiplas formas de manifestação na atualidade. As iniciativas vão desde os jornais de partidos e organizações políticas e chegam até as produções de portais online, podcasts e vídeos que têm como objetivo a comunicação, o jornalismo e a divulgação científica da esquerda. Independentemente de seu formato, os desafios encontrados em seu caminho muitas vezes se assemelham, e a barreira entre essas produções e o público é bem construída pela grande mídia e também pelas novas formas de comunicação utilizadas pela direita.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Pesquisa – Comunicação para a Cidadania do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

<sup>2</sup> Jornalista formada pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora e mestranda em Ciência da Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, e-mail: dmattos2020@gmail.com.

---

Hoje em dia, são observados muitos debates em torno dos desafios comunicacionais da esquerda nacional e internacional que têm tido foco nas campanhas de desinformação veiculadas pela extrema direita através de redes sociais. Esse debate é de grande importância, uma vez que pudemos ver seu impacto com uso do *Twitter* durante a campanha de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos e também no constante uso de correntes de mensagens enviadas em massa pelo *WhatsApp* para disseminação das chamadas *fake news* no Brasil, sobretudo durante as campanhas presidenciais de Jair Bolsonaro e demais candidatos da extrema direita que o acompanharam.

Apesar desses serem debates de extrema importância, por se tratarem de fenômenos do nosso tempo que têm um avassalador impacto, me proponho com esse texto retornar aos problemas anteriores a eles enfrentados pelo jornalismo independente latino-americano. Assim, pretendo retomar discussões que existiam nessa área antes da grande aceleração da circulação de informações e da nova dinâmica comunicacional propiciada pela internet entraram em pauta. Com isso, pretendo compreender problemas que acredito não estarem superados e trazer reflexões sobre como eles se modificam na complexidade das novas formas de comunicação.

Para isso, planejo buscar entender como esses problemas atingem os comunicadores independentes que produzem na internet, seja no formato de texto, vídeo ou podcast. A partir disso, pretendo traçar paralelos com os problemas apontados por Gabriel García Márquez em 1977, em uma crônica que ele escreveu sobre os desafios enfrentados por uma revista independente e de esquerda da qual ele era fundador e colaborador assíduo. Com isso, será possível compreender melhor as questões colocadas pelo autor e verificar a concretude dos problemas, que ele tão bem sistematizou, na atualidade e cotidiano dos veículos de comunicação independente e de esquerda.

A revista em questão é a *Alternativa*, fundada em Bogotá, na Colômbia, no ano de 1974 por Gabriel García Márquez junto a outros jornalistas e intelectuais próximos a ele. A ideia central da revista era que ela pudesse servir como um instrumento para a esquerda colombiana e que, com um jornalismo sério, de longa apuração e fino acabamento literário, pudesse atingir as massas trabalhadoras do país. A revista possuía, na época da publicação da crônica, edições semanais e, após uma pausa feita pela

---

revista para balanço de sua produção e análise das problemáticas encontradas em seu caminho, Gabriel García Márquez lançou nela a crônica aqui usada para análise: "Minhas duas razões contra esta revista" (1977).

A escolha de trabalhar com a internet, mesmo partindo de um texto que discute a comunicação anterior a ela, se dá por dois fatores. O primeiro deles é que acredito que estudar a produção independente e de esquerda na internet seja algo essencial nesse momento, uma vez que ela - por conta de motivos que, mais adiante, vamos explorar neste texto, como sua gratuidade de acesso, diversidade de formatos e necessidade de menor estrutura - tem sido um importante meio para esse tipo de produção, principalmente para os jornalistas e comunicadores que não estão escrevendo para uma organização política já estruturada. Isso fez com que, nos últimos dez anos e cada vez mais, se multiplicassem os canais de *YouTube*, os podcasts, os portais e revistas online de esquerda.

O segundo motivo é que, mesmo sem conhecer a dinâmica da comunicação na internet, Gabriel García Márquez traz dois elementos centrais em seu texto que perpassam a comunicação independente para além de seu veículo, localização e momento histórico. Assim, eles podem ser usados para a análise da produção jornalística independente como um todo.

O texto de Gabo, como o autor também era conhecido, expõe com franqueza, bom humor e exemplos práticos - vindos de sua própria experiência com sua revista - as problemáticas do periódico que ele construía e levanta questões que acredito não terem sido superadas pela comunicação independente da esquerda latino-americana. Ele estrutura suas críticas em dois fatores gerais: a periodicidade e o preço. Essas duas problemáticas, neste trabalho, vão ser analisadas enquanto são relacionadas com a dinâmica de produção e veiculação dos projetos independentes de comunicação de esquerda na internet.

Durante o texto, Gabo ainda destrincha detalhes das consequências desses dois pontos centrais e muitas delas parecem permanecer e se enredar nas questões abertas pelas novas formas de comunicação. Neste artigo, pretendo investigá-las, compreendendo os principais desafios dos jornalistas, pesquisadores e produtores de conteúdo independente de esquerda. Para isso, pretendo fazer uma análise comparativa a partir de uma compreensão geral dos problemas enfrentados pelas iniciativas

---

independentes atuais e da observação delas, traçando paralelos com os desafios expostos por Gabriel García Márquez.

Com este artigo, pretendo, portanto, analisar sob a luz dos apontamentos feitos por Gabriel García Márquez, um grande escritor e jornalista que dedicou sua vida ao estudo e a produção do jornalismo<sup>3</sup>, a realidade em que a produção independente de esquerda se encontra. Com isso, espero ser possível contribuir de alguma forma para a descoberta de alguns caminhos para esse campo na América Latina, principalmente, no Brasil.

### **A periodicidade**

O primeiro ponto levantado na crônica em questão é o da periodicidade. Nele, García Márquez debate a fidelização do público e conjectura que o espaço de uma semana entre as publicações de uma revista faz com que os leitores insiram em seu cotidiano os jornais diários e, ao chegar na próxima semana, já não têm interesse na revista que leram na semana anterior. Isto é, o espaço de uma semana entre uma publicação e outra impossibilitaria que seus leitores criassem o hábito de, em suas rotinas, comprarem e lerem uma revista. Como Gabriel García Márquez afirma no seguinte trecho:

Mas talvez seja apenas o lapso de uma semana é um desafio descomunal para a histórica falta de memória dos colombianos: quando chega o sábado os leitores já esqueceram do que foi sua revista favorita no sábado anterior, de maneira que esta tem que conquistar cada semana uma clientela nova que sequer lembrava de ter sido a mesa clientela fugitiva da semana anterior. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006a, p.26)

Dessa forma, o autor aponta que acompanhar a velocidade de consumo de informação é essencial para que se conquiste um público permanente. Esse é um aspecto importante para ser analisado em relação às novas formas de comunicação independente da esquerda, uma vez que o fluxo de informações é ainda maior e ainda mais rápido. Gabo chega, inclusive, a comentar sobre como, mesmo nos anos de 1970, não eram apenas as revistas independentes que sofrem com essa dinâmica. No texto ele afirma que:

---

<sup>3</sup> Gabriel García Márquez, além de ter dedicado toda sua vida a produção jornalística, não tendo abandonado essa profissão após seu sucesso editorial como romancista, também participou de diversos projetos de criação de veículos jornalísticos independentes de qualidade e também foi criador da *Fundación Nuevo Periodismo Iberoamericano*, que tem o objetivo de incentivar e premiar pesquisas sobre o jornalismo e produções jornalísticas de qualidade na América Latina.

---

Revista tem sido um gênero infeliz na Colômbia. Todas, de qualquer espécie, tiveram o destino dos amores de verão e dos ministros da Educação: intenso e fugaz. A única que resistiu a mais de sessenta anos aos acasos dos salões de beleza e aos infartos fulminantes das trocas de proprietários parece mais uma advertência de Deus para castigo de ingênuos e temerários. Talvez nós colombianos não saibamos fazer revistas. Talvez não saibamos lê-las. [...] Postas assim as coisas, é difícil lançar um semanário e manter o interesse de um público numeroso e compreensivo, e além disso sensível a uma proposta política diferente, enquanto não se pode competir todos os dias, e em condições semelhantes, com os veículos de opinião que têm em suas mãos todos os poderes do poder. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006a, p.26)

A partir disso, é importante ressaltar como essa forma de comunicação que possui uma periodicidade menor vem sofrendo com esse aumento de velocidade oferecido pela internet. Mesmo as revistas que García Márquez se refere como as "que têm em suas mão todos os poderes do poder" têm sofrido cada vez mais com isso, uma vez que é visível no Brasil como muitas delas têm se tornado portais online, outras reduzido ainda mais sua periodicidade na intenção de se manterem minimamente vivas e outras desaparecido. Essa nova dinâmica, que prejudica até mesmo as revistas hegemônicas, dificulta ainda mais a comunicação independente, que muitas vezes não é profissionalizada, principalmente aquelas que optam por uma produção de longo fôlego, profunda apuração e refinado acabamento.

Neste ponto, é interessante analisar que - além da questão levantada por Gabriel García Márquez, de que uma periodicidade maior contribuiria para a fidelização de um público leitor por contribuir para que a revista em questão esteja mais presente no cotidiano dos seus consumidores - uma maior periodicidade também garante que o conteúdo do veículo de comunicação esteja mais atualizado e toque nos mais recentes temas e notícias. Acredito que esse elemento da novidade seja ainda mais aplicável à realidade da internet do que a de fidelização de um público leitor.

Vejamos, uma das formas mais comuns de consumo de notícias e reportagens, hoje, é seu acesso através de redes sociais<sup>4</sup>. Portais de notícias tem suas contas do *Twitter*, atualizadas de minuto a minuto com matérias que, muitas vezes, são compartilhadas por um público que não se dá ao trabalho de abrir o link anexado para

---

<sup>4</sup> Esse dado, que pode ser observado a partir de uma simples observação do cotidiano dos consumidores e também dos jornais que têm se reorganizado para atingir o público das redes sociais, também foi comprovado em uma pesquisa realizada pelo Reuters Institute em parceria com a Universidade de Oxford. Essa pesquisa, realizada em diversos países, chegou ao número de que 25% dos entrevistados optam por buscar notícias diretamente nos portais de notícia enquanto o restante deles consumiam o conteúdo jornalístico unicamente através das redes sociais. (NEWMAN, 2021)

---

saber mais do que está apresentado em sua manchete. Em um panorama como esse, como é possível a expansão de portais independentes de esquerda que são capazes, por sua falta de estrutura e profissionalização, de lançar nada mais do que uma ou duas boas reportagens por semana?

Nessa nova lógica de uma comunicação cada vez mais acelerada, talvez nem mesmo um jornal diário supriria essa demanda e se faria necessário uma atualização constante de conteúdos diversos, acompanhando as mais novas notícias e os assuntos mais comentados. Isso pode ser visto de forma mais concreta a partir do movimento crescente de consumo de notícias e reportagens a partir do compartilhamento em redes sociais. Os feeds do *Twitter* e de outras redes são atualizados por seus usuários durante o dia inteiro, sempre em busca de um novo assunto a ser comentado. Para isso, os jornais impressos, que se adaptaram aos portais na internet, também tiveram que se inserir na lógica de compartilhamento constante de manchetes e links de seu conteúdo nas redes sociais.

Outro fator a ser observado sobre essa aceleração proporcionada pelas redes sociais é o estabelecimento da manchete como, muitas vezes, todo o conteúdo que será consumido da notícia ou reportagem. Esse fator pode ser visto de forma prática a partir da necessidade do *Twitter* em adicionar uma notificação aos usuários que compartilham um link antes de abri-lo em seu navegador. Além disso, hoje em dia, muitas páginas de notícias em redes sociais compartilham apenas a imagem da manchete da notícia, sem nem mesmo existir um link para que o leitor tenha acesso a matéria completa. Esses fenômenos mostram como não é só a produção do jornalismo que está sendo alterada, mas também o seu consumo.

É importante ressaltar, é claro, como a leitura de manchete não é um fenômeno novo trazido pela dinâmica das redes sociais. É sabido que, desde o jornalismo impresso, é comum que muitas pessoas leiam apenas as manchetes e algumas frases soltas em jornais, muitas vezes, isso foi feito em frente às bancas, sem que o leitor de manchetes nem mesmo precisasse comprar o jornal em questão. No entanto, seria um erro não considerar como esse hábito se ampliou expressivamente a partir do momento em que as redes sociais passaram a ser as grandes protagonistas do acesso a notícias e a reportagens.

---

## O preço

O segundo ponto citado por García Márquez, indissociável do primeiro, é o preço. Neste âmbito, ele debate as dificuldades de financiamento dos periódicos de esquerda. Esse custeio se encontra em uma contradição em que, ao mesmo tempo em que é necessário ter um preço final baixo para possibilitar o acesso das massas trabalhadoras, ele também têm dificuldades de encontrar patrocínio, uma vez que não é do interesse de grandes empresas ou do estado financiar o conteúdo veiculado por esses meios. Gabo comenta sobre esse ponto no seguinte trecho:

Sem grandes anúncios - que desejamos mas que ninguém nos daria -, sem um partido político que nos sustente, nem um centro mundial de poder que nos mantenha, nem uma agência central de inteligência que nos subsidie para depois poder contar para todos, o preço de capa desta revista órfã de pai e mãe não pode ser menor e a amarga verdade, doa a quem doer, é que os leitores com possibilidade de gastar vinte pesos não são os que mais nos interessam. Portanto queremos atingir um público e na realidade chegamos a outro. Fazemos uma revista para pobres que muitos pobres não podem comprar. Tentamos criar uma consciência popular, mas à nossa clientela mais acessível interessa menos a justiça social do que as férias em Miami. (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006a, p. 27)

Nesse momento da análise sobre o financiamento é interessante pensar sobre como hoje, na internet, os materiais produzidos pelas iniciativas independentes de esquerda são, em sua grande maioria, gratuitos e algumas vezes contam apenas com a colaboração espontânea de seus leitores, ouvintes e espectadores. Isso pode parecer um avanço, mas é também um novo problema que se encontra com o primeiro ponto, o da periodicidade. Ao não possuir um financiamento relevante por parte de seus consumidores e também não contar com muitas possibilidades de patrocínio, o trabalho de produção do jornalismo e da divulgação científica independente de esquerda perde a sua possibilidade de profissionalização. Nessas condições, ele passa, em muitos casos, a ser uma atividade voluntária daqueles a realizam puramente por enxergar a sua necessidade.

Dessa forma, o problema se torna outro: como profissionalizar um veículo de comunicação que deve ser gratuito para todos que quiserem acessá-lo mas que também não é do interesse de nenhuma grande empresa patrocinar? O que mais se vê no meio da comunicação de esquerda é sua produção ser tocada por professores, estudantes e diversos trabalhadores que conciliam seus empregos com a escrita, revisão, edição, diagramação e outras múltiplas tarefas necessárias para a veiculação do conteúdo. Ou seja, essa tarefa que deveria ser um emprego, passa a ocupar as horas vagas de um

---

trabalhador, impedindo que sua produção seja feita de forma profissionalizada, com mais tempo e estrutura para sua realização.

Essa necessidade que a dinâmica da internet impôs, de que os conteúdos de notícias e divulgação científica fossem gratuitos, fez com que a atividade de produção para eles se tornasse precarizada. Hoje, quem produz para a internet sem publicidade, em geral, não possui um espaço de trabalho adequado e nem é pago para desenvolver essa atividade de forma profissionalizada. Assim, o que deveria abrir as portas para uma comunicação democratizada, ainda que tenhamos consciência de que o acesso a internet não é amplo o suficiente e exclui uma grande parcela da população, contribuiu principalmente para os veículos que já possuíam financiamento.

Sobre esse ponto, é importante discutir o público alvo dessas iniciativas. Os jornais de organizações políticas de esquerda, muitas vezes, têm o objetivo de atingir as massas trabalhadoras, como também buscam os veículos de comunicação comunitária. Os portais, revistas, podcasts e canais de vídeos produzidos para a internet, em sua maioria, parecem buscar um outro público, o de estudantes, que buscam uma introdução aos principais temas e teóricos em debate na esquerda, e o de militantes que buscam fomentar o debate em torno de temas importantes para o momento político em que estão inseridos.

Dessa forma, a Revista Alternativa, de Gabriel García Márquez, se aproxima mais dos objetivos dos jornais de organização políticas do que da maior parte das iniciativas que hoje vemos na internet, mesmo que talvez não tenha alcançado esse público, como o próprio Gabo afirma no trecho já citado aqui: "Fazemos uma revista para pobres que muitos pobres não podem comprar. Tentamos criar uma consciência popular, mas à nossa clientela mais acessível interessa menos a justiça social do que as férias em Miami." (GARCÍA MÁRQUEZ, 2006a, p. 27)

Embora não objetivem, propriamente, essa inserção nas massas proletárias, os veículos online também têm um público que nem sempre pode acessar conteúdos pagos, além disso, a gratuidade parece ter se tornado uma prioridade para eles, tanto pelo objetivo de democratização do que é produzido, quanto pela generalização de veículos gratuitos no meio digital. Essa generalização impacta tanto num estranhamento do público ao se deparar com um conteúdo pago, quanto na dificuldade de competir com o



---

grande número de veículos que disponibilizam seus textos, vídeos e podcasts de forma gratuita.

## **Conclusões**

Dados todos esses elementos, podemos entender melhor o que já está claro: as novas formas e dinâmica da comunicação apresentam tanto novas potencialidades quanto novos desafios. Na medida que, ao mesmo tempo que uma grande estrutura não é necessária para se iniciar um canal no *YouTube*, um podcast, um blog, ou um site, sua manutenção e possibilidade de alcance relevante de público ainda esbarram nos antigos problemas enfrentados pela produção do jornalismo independente.

Acredito que iniciar a análise dos problemas encontrados no caminho dessas publicações a partir da observação de seu preço, custo e periodicidade pode contribuir para o início de uma busca por suas soluções. Quanto ao novo elemento: o ritmo cada vez mais acelerado, sua compreensão deve ser pensada em conjunto com o elemento da periodicidade, que, já em 1977, preocupava Gabriel García Márquez.

Apesar de todas as ressalvas mencionadas neste texto, também é importante citar que, mesmo sendo feitas com muito esforço e, comumente, pouco retorno, o jornalismo e a divulgação científica online têm trazido bons frutos. Isto é, mesmo que muitas vezes essa atividade não seja feita de forma profissionalizada ela vem proporcionando uma ampla diversidade de ideias, pontos de vista e referenciais teóricos. Além disso, a produção desse tipo de material para a internet tem expandido de forma expressiva a gama de pessoas em contato com os debates que, anteriormente, ficam restritos a militância política e a academia - ainda que, de forma geral, não atinja as massas trabalhadoras -.

Esse público conquistado parece ter sido atraído tanto pelo compartilhamento desses conteúdos nas redes, conseguindo, vez ou outra, furar a bolha anteriormente citada e chegar a mais pessoas que passam a acompanhar a produção de um veículo ou outro. Além disso, os diversos formatos que, de certa forma, foram democratizados pela internet, como o de vídeos ou podcasts, trouxeram para essas discussões pessoas que não estavam acostumadas a acompanhar revistas ou jornais que abordavam os mesmos temas.

---

Dessa forma, pode se colocar que o avanço da produção jornalística e de divulgação científica independente na internet tem sido extremamente positivo. E acredito que a partir de uma análise científica de seus veículos, utilizando os elementos expostos por García Márquez situados na relação entre preço e periodicidade, alguns obstáculos podem ser compreendidos. É evidente que os problemas não vão desaparecer, uma vez que eles partem de uma grande estrutura formada pela grande mídia, mas acredito que localizá-los seja um bom ponto de partida para aqueles que se propõem a fazer jornalismo independente nos dias de hoje.

## REFERÊNCIAS

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Crônicas 1961 - 1984**. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006a.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Reportagens políticas 1974 - 1995**. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006b.

GARCÍA MÁRQUEZ, Gabriel. **Cheiro de goiaba: conversas com Plinio Apuleyo Mendoza**. Tradução de Eliane Zagury. 10º ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 2022.

NEWMAN, Nic. **Executive summary and key findings of the 2021 report**. Londres: Reuters Institute, 2021. Disponível em:  
<https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2021/dnr-executive-summary>.  
Acesso em: 12 de agosto de 2023.